

O caranguejo-de-água-doce, *Trichodactylus fluviatilis* (Latreille, 1828) (Crustacea, Decapoda, Trichodactylidae), na concepção dos moradores do povoado de Pedra Branca, Bahia, Brasil

Eraldo Medeiros Costa Neto

Departamento de Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Feira de Santana
Km 03, BR 116, Campus, CEP 44031-460, Feira de Santana – BA, Brasil
eraldont@hotmail.com

Submetido em 12/07/2006
Aceito para publicação em 16/01/2007

Resumo

Os caranguejos dulcícolas são elementos importantes da biota aquática de riachos, rios, lagos e açudes, tanto pelo aspecto ecológico quanto pelo econômico. Considerando que *Trichodactylus fluviatilis* (Latreille, 1828) é importante como fonte de alimento para as populações humanas que habitam próximas aos locais de sua ocorrência, este artigo registra, pela primeira vez, um estudo etnocarcinológico realizado com moradores do povoado de Pedra Branca, Estado da Bahia. Os dados foram obtidos de fevereiro a junho de 2005 mediante entrevistas abertas e semi-estruturadas, recorrendo-se às técnicas usuais de registro etnográfico. Foram entrevistados 16 mulheres e 11 homens, cujas idades variaram de 25 a 86 anos. Os resultados revelam que o conhecimento etnocarcinológico dos moradores de Pedra Branca com relação a *T. fluviatilis* é relativamente coerente com o conhecimento acadêmico. Sugere-se o seguimento de estudos etnozoológicos que enfatizem a importância cultural dos crustáceos dulcícolas, pois representariam uma importante contribuição à questão da conservação da biodiversidade nos ambientes em que são encontrados.

Unitermos: Etnozoologia, carcinologia, Trichodactylidae, conhecimento tradicional

Abstract

The freshwater crab, *Trichodactylus fluviatilis* (Latreille, 1828) (Crustacea, Decapoda, Trichodactylidae), as perceived by the inhabitants of the county of Pedra Branca, Bahia, Brazil. Freshwater crabs are key elements of the aquatic biota of streams, rivers, lakes, and dams because of their ecological and economic importance. Considering that *Trichodactylus fluviatilis* (Latreille, 1828) is an important source of food for the human settlements that inhabit the places of its occurrence, this article records, for the first time, an ethnocarcinological study carried out with the inhabitants of Pedra Branca county, Bahia State. Data were obtained from February to June 2005 by means of open-ended interviews using the usual techniques of ethnographical survey. Sixteen women and eleven men were interviewed. Their ages ranged from 25 to 86 years old. The results showed that the ethnocarcinological knowledge about *T. fluviatilis* is relatively consistent with academic knowledge. Ethnozoological studies that stress the cultural significance of freshwater crustaceans are very important, since they would represent a great contribution to the debate on biodiversity conservation in the environments these animals inhabit.

Key words: ethnozoology, carcinology, Trichodactylidae, traditional knowledge

Introdução

Os caranguejos de água doce (Crustacea: Decapoda: Brachyura) são elementos importantes da biota aquática de riachos, rios, lagos e açudes, tanto pelo aspecto ecológico quanto pelo econômico (Magalhães, 1999 e 2003). Os caranguejos que habitam ecossistemas hídricos continentais pertencem à superfamília Potamoidea e estão distribuídos entre as regiões tropicais e subtropicais da América Central e Sul, África, Madagascar, Índia, Ásia, Austrália e sul da Europa. Nas Américas, esses crustáceos estão representados pelas famílias Pseudothelphusidae e Trichodactylidae, sendo que ambas ocorrem no Brasil (Magalhães, 2003).

A família Trichodactylidae é constituída por caranguejos de pequeno a médio porte, representados por menos de 50 espécies com distribuição na América do Sul e Central, ocorrendo desde o sul do México até a Argentina, sempre em rios da drenagem Atlântica (Magalhães, 2003). *Trichodactylus fluviatilis* Latreille, 1828 tem uma distribuição em rios costeiros ao longo da faixa litorânea do Brasil, desde Pernambuco ao nordeste do Rio Grande do Sul (Magalhães, 2003) e existem muito poucos estudos sobre os aspectos da biologia e ecologia dessa espécie. Mello (1967) estudou a morfologia para avaliar a diferenciação geográfica e o dimorfismo sexual, enquanto Rocha e Bueno (2004) discutiram sua ocorrência no vale do Ribeira, no estado de São Paulo.

Considerando a importância ecológica de *T. fluviatilis* e sua importância como fonte de alimento para as populações humanas que habitam próximas aos locais de ocorrência, o presente artigo aborda, pela primeira vez, um estudo etnocarcinológico ao registrar o modo como esta espécie de caranguejo dulcícola é percebida, classificada e utilizada por moradores do povoado de Pedra Branca, uma comunidade rural do Estado da Bahia.

Material e Métodos

Área de Estudo

A Serra da Jibóia é um maciço serrano localizado no Médio Paraguaçu, região centro-oeste do Estado da

Bahia, que possui cerca de 22.500ha de área, uma altitude máxima de 839 m.s.n.m e está situado a uma latitude de Sul de 12°51' e longitude Oeste de 39°28' (Juncá et al., 1999).

O povoado de Pedra Branca dista cerca de 13km da sede do município de Santa Terezinha, ao qual pertence, localizando-se no sopé da Serra da Jibóia. Este povoado teve sua origem a partir de um aldeamento indígena homônimo, pois os primeiros habitantes da região foram os índios Kariri e Sabuyá, descendentes dos Tupinambá. Os primeiros viviam na Aldeia Pedra Branca e os segundos, na Aldeia Caranguejo (Paraíso, 1985). O bandeirante Gabriel Soares de Souza instituiu a aldeia no século XVI quando construiu uma casa-forte na Serra do Guarirú. Por determinação pombalina, em 1759, esta foi elevada à categoria de freguesia com o nome de Nossa Senhora de Nazaré de Pedra Branca. Em 1761, emancipou-se município, mas foi extinto em 1835 quando passou a ser incorporado ao município de Nossa Senhora da Conceição de Tapera, que também foi extinto mais tarde. Em 1928, Pedra Branca passou a compor o município de Santa Terezinha (Biblioteca Municipal, Registro no 14/4 apud Costa Neto, 2003).

O município faz divisa com Castro Alves, Rafael Jambeiro, Elísio Medrado e Itatim. O clima da região é semi-árido, apresentando temperatura média de 24,3°C e pluviosidade anual média de 582mm. O período chuvoso vai de novembro a janeiro. Fazem parte da região os rios Paraguaçu e Ribeirão, com destaque para as lagoas Branca, Formosa, Samambaia e Tanquinho (Centro de Estatística e Informação, 1994). A vegetação é bem diversa, sendo que a cobertura vegetal predominante é de Mata Atlântica apresentando as formações ombrófila densa nos vales e nas encostas e estacional semidecidual nas bordas, circundada (ao norte) por uma área de Caatinga. Nos cumes há um afloramento gnáissico-granítico sobre o qual se desenvolve uma vegetação de Campo Rupestre (Queiroz et al., 1996).

Atualmente, 106 famílias residem no povoado de Pedra Branca, segundo a agente de saúde local Luzia Mascarenhas de Santana Cruz. A maioria das famílias vive da atividade agrícola, especialmente o cultivo do fumo, da uva e da mandioca. A pecuária também é importante, principalmente os rebanhos bovino e caprino.

Os homens realizam outras tarefas, como construção civil, somente quando há disponibilidade.

No povoado, há um posto de saúde que atende a população local, sendo que os casos clínicos mais complexos são atendidos nas cidades de Santa Terezinha, Castro Alves e Salvador. No que diz respeito à educação, existe um Grupo Escolar mantido pela prefeitura que oferece apenas o ensino fundamental; os estudantes completam o ensino médio nas escolas de Santa Terezinha e região. Para ajudá-los no transporte, um ônibus é disponibilizado diariamente.

Excursões didático-científicas e levantamentos da fauna e flora locais vêm sendo realizados na área da Serra da Jibóia, o que já possibilitou aumentar a distribuição de espécies de serpentes (p. ex., *Bothrops pirajai*) e registrar espécies de anuros pela primeira vez no estado da Bahia (Juncá et al., 1999). Com relação aos artrópodes, novas espécies de insetos foram registradas (Bravo, 2002; Bravo et al., 2001), assim como espécimes da aracnofauna vêm sendo coletados (Borges e Quijano, 2000). Tais estudos reforçam a necessidade de implantação de uma Unidade de Conservação para a Serra da Jibóia. Nesse aspecto, é preciso considerar que os moradores locais são componentes essenciais da paisagem e suas atividades estão direta e intimamente relacionadas com o uso e conservação compatíveis dos recursos naturais (Redford e Stearman, 1989). É necessário entender, respeitar e empregar os sistemas de conhecimento intrínsecos à comunidade a fim de garantir uma abordagem ao desenvolvimento que seja social, econômica e ecologicamente mais segura (Queiroz, 1996).

Metodologia

Os dados aqui apresentados fazem parte de um estudo mais amplo, cujo objetivo é registrar a etnozoologia dos moradores do povoado de Pedra Branca. Os dados foram obtidos no período de fevereiro a junho de 2005 mediante realização de entrevistas abertas e semi-estruturadas, recorrendo-se às técnicas usuais de registro etnográfico. As entrevistas foram feitas seguindo-se abordagem etnocientífica com enfoque emicista-etnicista balanceado (Sturtevant, 1964). Nesta abordagem, registra-se o modo como os habitantes locais percebem,

categorizam e interagem com os elementos faunísticos com os quais convivem, sem impor as categorias do pesquisador. As entrevistas ocorreram de modo individual ou coletivo e as sessões duravam cerca de meia hora.

Com base na Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, que fornece as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, foi elaborado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que foi lido e distribuído entre os indivíduos. Foram entrevistados 16 mulheres e 11 homens, cujas idades variaram de 25 a 86 anos. Os objetivos da pesquisa eram explicados de maneira clara no início de cada nova entrevista, perguntando-se aos moradores se consentiam em prestar informações. As expressões e palavras nativas foram utilizadas a fim de gerar maior confiança entre as partes. O uso de microgravador foi encorajado para que o pesquisador pudesse manter contato visual com os entrevistados. A maior parte das entrevistas, portanto, foi registrada em fitas microcassetes e as transcrições semiliterais encontram-se depositadas no Laboratório de Etnobiologia da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

Espécimes de caranguejos machos, fêmeas e jovens foram coletados no trecho conhecido como riacho da Velha Eugênia, manualmente ou com auxílio de uma urupema (espécie de peneira) pelos próprios moradores participantes do estudo. A coleta de espécimes possibilitou a realização de testes projetivos, quando os indivíduos eram questionados sobre os caranguejos capturados, registrando-se os nomes populares, o conhecimento local e as impressões a respeito dos organismos e possíveis usos. Uma amostra dos espécimes coletados foi enviada ao Dr. Célio Magalhães, do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), que os identificou como *Trichodactylus fluviatilis*, e estão depositados na coleção de crustáceos deste Instituto sob o número de tombo INPA 1398. Parte encontra-se na coleção de invertebrados do Museu de Zoologia da UEFS.

Os dados foram analisados segundo o modelo de união das diversas competências individuais de Hays (Marques, 1991). Segundo este modelo, toda informação pertinente ao assunto pesquisado é considerada, seguindo-se um tratamento quali-quantitativo das informações registradas. Os controles foram feitos através

de testes de verificação de consistência e de validade das respostas (Marques, 1991), recorrendo-se a entrevistas repetidas em situações sincrônicas e diacrônicas. As primeiras ocorrem quando uma mesma pergunta é feita a pessoas diferentes em tempos bastante próximos e as segundas, quando uma pergunta é repetida à mesma pessoa em tempos bem distintos.

Resultados e Discussão

A percepção e os conhecimentos tradicionais sobre *Trichodactylus fluviatilis*

O conhecimento zoológico tradicional dos moradores de Pedra Branca sobre o caranguejo-de-água-doce (*T. fluviatilis*) (Figura 1) foi registrado sob diferentes aspectos: morfologia, etnotaxonomia, hábitat, sazonalidade, abundância, ecologia trófica e comportamento reprodutivo, além do uso alimentar e medicinal.

No que se refere à morfologia, os indivíduos assinalaram o tamanho, a cor e a forma desses animais. Segundo os entrevistados, *T. fluviatilis* é um caranguejo pequeno, de cor marrom ou “café com leite”; os indivíduos jovens são negros. Embora se reconheça que “a

natureza dele é pequena” (A., 40 anos), alguns entrevistados informaram que, em comparação com um período anterior, atualmente os caranguejos estão menores (“Agora os caranguejo tão pequeno. Antes era bem maior”, Dona N., 60 anos). Por outro lado, também se registrou a informação de que “nos lugares que não são muito batidos (antropizados) eles crescem bastante” (Dona E., 56 anos). Aparentemente, a variação de tamanho salientada pelos entrevistados muito provavelmente se deve, por um lado, ao depauperamento da população local ocasionado pela coleta dos indivíduos maiores e com idade reprodutiva para fins de alimentação e, por outro, pelos impactos ecológicos causados no sistema hídrico da região, como assoreamento, mudança de curso, desmatamento da mata ciliar e poluição dos riachos. Na figura 1, a tampa da caneta *Bic* dá uma noção do tamanho do exemplar.

As partes externas mais salientes recebem denominações locais. Por exemplo, o quelípodo é chamado de dente, ferrão, tesoura ou garra; o abdome é chamado de tampo; e a carapaça é denominada de capa, costas ou cobertura. Souto (2004) registra que diferentes comunidades tradicionais utilizam uma terminologia própria para denominar diferentes partes do corpo dos ani-



FIGURA 1: Caranguejo-de-água-doce (*Trichodactylus fluviatilis*). Foto: Eraldo M. Costa-Neto (2005).

mais, fenômeno cognitivo conhecido como topografia corporal. Este autor também discute a respeito de três padrões gerais da topografia corporal: polionomia, que é a aplicação de mais de um nome à mesma estrutura corporal; funcionalidade atribuída, que se refere à atribuição de funções às estruturas; e codificação de analogia antropomórfica, que demonstra a forte influência de termos da morfologia humana na denominação das partes dos animais. Esses três padrões foram registrados em Pedra Branca.

Embora sejam raros, os acidentes causados por esses crustáceos podem ocorrer devido à força com que usam seus quelípodis: “Eles têm um dente assim e se vacilar eles dão [...] com aquele ferrão” (Dona L., 52 anos). As partes atingidas normalmente são os dedos das mãos e dos pés, quando os indivíduos estão pescando ou banhando-se no riacho. Por isso que, às vezes, os indivíduos atribuem o comportamento antropomórfico de “valente” a esses crustáceos. No entanto, muitos o consideram um animal “tolo” e “manso”.

A morfologia ainda é importante no dimorfismo sexual, uma vez que machos e fêmeas são diferenciados com base na coloração da carapaça (“A fêmea, a capa é clara. E o macho, a capa é mais escura”, Dona N., 60 anos), no tamanho do quelípodis (“O dente [no macho] é maior”, D., 34 anos), na forma do abdome (“A fêmea tem um tampinho largo embaixo onde guarda os filhinho. E o macho é fino”, Dona E., 60 anos) e no tamanho dos indivíduos (“A fêmea é maior e o macho é menor. É igual ao casal de cobra: macho é menor e a fêmea é maior”, Seu E., 66 anos). A morfologia é o caráter distintivo usado por muitas comunidades tradicionais para diferenciar os sexos dos indivíduos (Souto, 2004). No caso de *T. fluviatilis*, o dimorfismo sexual torna-se evidente quando os indivíduos alcançam uma largura de 15 mm (Mello, 1967).

As características anatomorfológicas resultam importantes nos estudos de etnozootologia porque é a partir da concepção geral do corpo do animal, incluindo a estrutura e a composição de suas partes, que toda uma rede cognitiva é pensada e construída sobre determinado animal que vive no ambiente culturalmente compartilhado com os membros de uma comunidade humana.

No sistema de classificação etnozootológico dos moradores de Pedra Branca, *T. fluviatilis* é percebido e classificado como um tipo de “peixe”. Sua inclusão no domínio semântico “peixe” se deve a fatores ecológicos (hábitat), biológicos (modo de reprodução) e dietéticos (qualidade de sua “carne”). Às vezes, porém, esse crustáceo é identificado como um “inseto”, como se observa nos seguintes depoimentos:

“A carne é branca, é de peixe, mas aquilo não deve ser peixe” (Seu B., 72 anos).

“O caranguejo é um peixe” (M., 34 anos).

“Diz o povo que é um peixe, né?” (Dona D., 70 anos).

“É peixe porque é da água” (Dona M., 67 anos).

“Eu penso que seja peixe. Ele não vive sem água. Ele desova. Não dá cria, desova” (Dona E., 60 anos).

“Se a gente soubesse o que esse inseto come, a gente criava” (Dona P., 70 anos).

A literatura etnoictiológica registra que, nos sistemas de classificação etnobiológicos de diferentes comunidades pesqueiras, uma grande variedade de animais não sistematicamente relacionados é percebida, identificada e categorizada como tipos de “peixe”, e então classificados no domínio etnozootológico “Peixe” (Bahuchet, 1992; Paz e Begossi, 1996; Costa Neto, 2001). Este domínio tem a característica de ser bastante flexível, uma vez que a categorial lexical “peixe” é uma construção cultural na qual tantos os elementos faunísticos reais quanto os sobrenaturais (p.ex., sereias) nela se incluem ou são excluídos. Por exemplo, os Lau, pescadores das Ilhas Salomão, incluem não apenas os peixes, mas a vaca-marinha, a baleia e o boto na categoria *ia* (Akimichi, 1978). Para os pescadores da cidade de São Félix, no Recôncavo baiano, siris, camarões e peixes-boi são classificados como “peixes” (Andrade e Costa Neto, 2005).

Por outro lado, o rótulo lingüístico “inseto” é utilizado como uma categoria etnotaxonômica ampla que reúne diferentes animais, além dos próprios insetos da classificação lineana. Costa Neto (2003), em um estudo anteriormente realizado nesse mesmo povoado sobre a

percepção e classificação de insetos, constatou que vários animais são considerados como “insetos”, tais como: lagartixa, rã, rato, caranguejo, cobra, lacraia, lesma, caranguejeira, aranha, sapo, morcego, escorpião, entre outros.

Com relação ao formato do corpo, alguns entrevistados disseram que o caranguejo lembra uma aranha devido ao aspecto geral do corpo: “Ele é todo redondim, cheio de perna, no tipo de formação de aranha” (Seu E., 66 anos); “Acho eles parecidos com caranguejeira. Só não têm aqueles cabelo” (Dona E., 56 anos). A aparente semelhança morfológica com aranhas caranguejeiras (subordem Mygalomorphae) provavelmente faz com que estes caranguejos sejam identificados e categorizados como “insetos”.

Embora a maioria dos entrevistados tenha afirmado a existência de apenas um tipo de caranguejo dulcícola na região, houve o registro de que teriam duas etnoespécies, cuja diferenciação etnotaxonômica está baseada em características ecológicas (hábitat) e morfológicas (cor): “Tem de dois: caranguejo de pedra, mais vermelho. O daqui debaixo é preto, de lama” (D., 34 anos).

Pode ser mesmo que o conhecimento tradicional dos moradores de Pedra Branca indique a existência real de duas espécies de tricodactídeos habitando na região, uma vez que *T. fluviatilis* pode ocorrer em simpatria com *T. petropolitanus*. Magalhães (2003) comentou a acentuada plasticidade morfológica exibida pelos espécimes dessas duas espécies. Venâncio (2005), por sua vez, comentou que essas espécies apresentam estratégias comportamentais diferentes que evitam sobreposição de nichos e competição. É necessário, pois, que coletas sistematizadas sejam realizadas em diferentes pontos nos vários riachos que existem na Serra da Jibóia.

Na concepção dos entrevistados, o caranguejo vive dentro da água em tocas, entre as pedras, sob o folhicho e escondido entre a vegetação que margeia o riacho, como pode ser constatado nos depoimentos abaixo:

“Ficava assim naquela loca, no lugar que a água passa e fica aqueles paredão. Eles fica por ali por dentro” (Dona S., 82 anos).

“Fica intocado nos pés de bambu. Dentro do baceiro, na serra, debaixo de pedra” (D., 34 anos).

“Vive debaixo de toca, pedra na beira do rio” (T., 38 anos).

“Fica escondido por ali debaixo do mato” (Seu Z., 54 anos).

“Eles ficam debaixo de folhas, em lugar assim mais sujo de areia” (M., 34 anos).

O conhecimento ecológico tradicional dos moradores de Pedra Branca, no que se refere ao hábitat de *T. fluviatilis*, está coerente com a informação presente na literatura pertinente. Magalhães (1999 e 2003) assinou que esses crustáceos possuem hábitos crípticos e noturnos, permanecendo escondidos em tocas, fendas e buracos de rochas e troncos submersos, na serrapilheira subaquática ou entre as raízes e folhas da vegetação ribeirinha.

Os indivíduos entrevistados também falaram sobre o comportamento que esse caranguejo tem de ficar fora da água, como se observa nos seguintes trechos: “Ele sai do rio pra tomar sol” (L., 28 anos); “Ele anda. Vai na busca da água” (Dona M., 62 anos); “Ele sai da água e fica andando” (Dona D., 70 anos). Tal fato ainda precisa ser mais investigado, uma vez que Célio Magalhães (comunicação pessoal) diz que “Eles de fato podem ser encontrados fora d'água, mas até agora não há nenhum estudo científico ou afirmativa embasada sobre isso para *T. fluviatilis* na literatura”.

O conhecimento tradicional da maior parte dos informantes se mostrou coerente no que se refere à época do ano em que esses crustáceos são observados com mais frequência:

“A época que eles mais aparecem é depois da trovada. Eles ficam escondidos no tempo de trovada” (Dona L., 52 anos).

“Dá mais no verão” (D., 34 anos).

“Aparece mais quando chove” (Dona L., 61 anos).

Em um estudo realizado com *Trichodactylus petropolitanus* no interior de São Paulo, Venâncio (2005) amostrou um maior número de indivíduos nos meses de primavera (setembro-novembro) e verão (dezembro-fevereiro), que correspondem ao período chuvoso na região. De acordo com Hartnoll (1988), diversas espécies de Potamoidea são mais ativas durante os períodos de

chuva devido à expansão das áreas úmidas ou alagadas. É quando também estão concentradas as atividades de alimentação e reprodução dos caranguejos de água doce. Marucco et al. (2002) assinalam que a reprodução em *T. fluviatilis* é sazonal, ocorrendo principalmente no início da estação chuvosa. Por outro lado, nos períodos de seca, estes animais tendem a permanecer inativos e entocados. Tal fato é corroborado pelo seguinte depoimento: “Quando esteia, o sol aparece, ele fica enterrado na lama” (Dona D., 70 anos).

Com relação à percepção que os indivíduos têm sobre a abundância desses caranguejos, foi registrado que a quantidade está diminuindo devido especialmente aos impactos antrópicos, conforme demonstram os seguintes trechos de entrevista: “Antigamente tinha mais” (Dona E., 60 anos); “Tem muita falta por causa da água que não tem” (Seu J., 70 anos); “Tinha muito antes, na levada de água corrente. [...]. Quando a Pioneira foi construída, a levada acabou. Isso foi há cerca de 38 anos” (Dona L., 52 anos). A Pioneira a que a entrevistada se refere é o topo de parte da Serra da Jibóia conhecido localmente como Serra da Pelada por causa dos afloramentos gnáissico-graníticos, com predomínio de campo rupestre. Neste local existem várias construções relacionadas com telecomunicação (antenas de transmissão e recepção de sinais). Um conjunto de ações antrópicas ocasionou o completo assoreamento da levada (corrente de água) que passava pelo povoado. No entanto, é preciso realizar estudos de ecologia populacional desses crustáceos para estimar a real situação da espécie na região.

Quanto aos hábitos alimentares de *T. fluviatilis*, pouca informação foi obtida. Os entrevistados disseram que provavelmente este caranguejo se alimenta de lama, dos insetos que vivem na lama (“Deve ser de lama, dos insetinho que têm na lama, Dona D., 70 anos) e de restos de animais (“Sempre que eles vê assim alguma coisa cheirando a podre eles aparece. Peixe, coco, carne fresca, bofe”, L., 28 anos). Também citaram os seguintes itens alimentares: areia, isca, minhoca e cacho de dendê, quando este é disponibilizado na água. Por outro lado, diversos animais se alimentam do caranguejo:

“O guará (*Procyon cancrivorus*) não deixa. Tem aquela mãozinha cabeluda. Ele pesca e come” (Dona E., 86 anos).

“A anum, urubu, gavião-carcará, bem-te-vi pegam ele. O sapo e a jia comem ele também” (L., 28 anos).

“O socó, a marreca, pato, tudo come ele” (Seu A., 77 anos).

Os caranguejos dulcícolas desempenham papel importante na cadeia trófica, atuando em diversos níveis: como herbívoros, predadores de vertebrados e invertebrados, bem como necrófagos, alimentando-se de animais mortos (daí sua importância em termos de medicina legal (Freire e Rebello Neto, 1921; Costa Júnior, 1942). Também realizam canibalismo de espécimes menores coespecíficos (Gherardi e Micheli, 1989). Em um estudo realizado com espécimes do riacho da cachoeira Vêu da Noiva, localizado no município de Botucatu-SP, Oliveira e Costa (2003) determinaram os seguintes itens alimentares: macrófitas (26,7%), insetos (10,7%), crustáceos (8%), material digerido (21,3%), itens não identificados (13,3%) e substrato (20%). Hill e O’Keeffe (1992) confirmam a importância desses animais como processadores eficientes de matéria orgânica ao atuarem como herbívoros, o que contribui na ciclagem de nutrientes e no fluxo de energia nos sistemas límnicos.

Na qualidade de presa, esses caranguejos fazem parte da dieta de insetos, peixes, aves, répteis e mamíferos aquáticos (Magalhães, 1999 e 2003; Port-Carvalho et al., 2004; Venâncio, 2005).

Com relação ao comportamento reprodutivo, os entrevistados disseram que o caranguejo desova (“Quando tá desovando, mas é tanto fio!”, Dona N., 56 anos) e quem carrega os filhotes é a fêmea (“O caranguejo cheio de fio é a fêmea”, A., 40 anos), cuja massa de ovos é mantida sob sua proteção (“A fêmea, quando ela tá na desova, ela fica toda molinha. Tem aquele tampinho e fica cheio de fiinho por baixo”, Seu A., 77 anos).

Alguns dos indivíduos consultados, no entanto, acreditam que o caranguejo apresenta geração espontânea surgindo dos sedimentos de fundo, como se observa nesses dois trechos de entrevista: “Aquilo é da lama. É gerado da lama mesmo” (Seu B., 72 anos); “É gerado do rio” (Dona N., 60 anos).

Caranguejos de água doce produzem poucos ovos com grandes dimensões e apresentam desenvolvimento

pós-embrionário direto, sendo que as fases larvais completam-se ainda dentro do ovo. Na eclosão são liberados indivíduos jovens e com características semelhantes ao adulto (Magalhães, 2003). Os jovens são protegidos e carregados pelas fêmeas sob o abdome, caracterizando o cuidado parental (Liu e Li, 2000).

Um estudo sobre o ciclo reprodutivo de *T. fluviatilis* ao longo de um ano (janeiro a dezembro de 2001) revelou que machos com gônadas maduras ocorreram ao longo do ano todo, com menor frequência no mês de agosto, período que antecedeu ao aparecimento de fêmeas ovíferas e/ou incubando jovens na população (setembro/outubro) (Marucco et al., 2002). De acordo com estes autores, o cuidado parental envolvendo hábito críptico explicaria a ausência de fêmeas maduras durante a estação reprodutiva e o baixo número daquelas que carregam os jovens.

O modo como os moradores de Pedra Branca consideram a origem dos caranguejos, seja biológica ou espontânea, tem importância na maneira como esses organismos são percebidos. Assim, estudos de classificação etnozoológica devem levar em consideração tanto as diferentes concepções de surgimento quanto os processos de transformação biológica pelos quais os animais são acreditados passar, os quais resultam significativos na formação e estruturação das categorias cognitivas de domínios zoológicos.

Usos culturais

Com base na história oral de alguns moradores do povoado, pode-se inferir que *T. fluviatilis* costumava ser bastante aproveitado como um recurso alimentar alternativo e mesmo complementar à falta de outros alimentos:

“A gente comia muito aquilo. É a mesma coisa do caranguejo (referindo-se ao caranguejo de mangue). E é gostoso” (Dona S., 82 anos).

“Quando não tinha outra coisa pra comer era o jantar: 'Vamos pra serra pegar caranguejo'” (Dona L., 52 anos).

Ainda hoje esses caranguejos são pescados manualmente, com balaies (cestos grandes como urupemas) ou com armadilhas de pesca, como o munzuá (conhecido como covo em outras regiões do Brasil) e o jequi (cesto

de pesca afunilado e oblongo). Para atraí-los para dentro desses apetrechos se usam diferentes tipos de iscas:

“Bota cabeça de galinha, escaldado mal feito (também conhecido localmente como pirão de cimento) dentro do munzuá. Pegava muito: 80, 90, 100” (Dona E., 86 anos).

“Pai tinha um jequi feito de cipó. Ele colocava fio de arapua (larvas e pupas da abelha sem ferrão *Trigona spinipes*). Tinha vez de dar mais de 300 caranguejos” (Dona L., 61 anos).

Outras vezes, basta colocar certos engodos (ativos) na água, tais como farinha (“Jogar farinha ele se aparece”, Seu E., 66 anos), cacho de dendê (“Pega com cacho de dendê. O cacho puro”, D., 34 anos), restos de frutas (“Casca de jaca pega um bando”, Seu A., 77 anos) ou de animais, como miúdos de frango. Para capturar os caranguejos são usados balaies feitos de cipó. Pode-se também amarrar um pouco do “fato” de galinha em um cordão ou no anzol e esperar para que o caranguejo o agarre, puxando-o para fora d'água.

Depois de coletados, os caranguejos são levados para casa para serem preparados. Às vezes, porém, são consumidos no próprio local de coleta *in natura*, como comprovam os seguintes trechos de entrevista: “Tem menino que pega e come na hora” (Dona D., 70 anos); “A gente pega vivo e chupa as perna. Tem gosto salobro” (L., 28 anos).

O cozimento envolve limpar os caranguejos, acrescentar temperos e prepará-los especialmente como moquecas:

“Tem uma capinha. Tirava a capinha e fazia tipo moqueca. Fritava no óleo” (M., 34 anos).

“Tirava as perninha, o tampo e puxava o fato e fazia moqueca. Quando cozido ele fica vermelho” (Dona L., 61 anos).

“Pegava, arrancava a tampa e tempera. Comia assado, a moqueca dele. Tem que fazer cozido” (Seu E., 66 anos).

No entanto, nem todos apreciam o consumo de caranguejos, registrando-se comportamento de rejeição alimentar: “Eu não como!” (Seu A. M., 78 anos); “Hoje

tenho nojo de tudo” (Dona L., 52 anos); “Tenho nojo desses peixes que pega assim no rio” (M., 34 anos).

Os crustáceos da subordem Brachyura participam significativamente da vida sócio-econômica de diferentes grupos humanos, principalmente como recursos comercializáveis e alimentícios. Os índios Suruí de Rondônia, por exemplo, identificam duas espécies de caranguejos da família Trichodactylidae: *gorpã*, espécie grande do rio, e *gorpã-sakáp*, espécie pequena da lama. Apenas a primeira é consumida assada ou mesmo crua, assim que retirada da água (Coimbra Júnior, 1985).

Além de serem usados como alimento, esses caranguejos também são úteis na medicina popular, recomendados para o tratamento da asma: “Torra bem torrãozinho, pisa, coloca na água morna e dá à pessoa pra beber. Os mais velhos contavam. Uma criança que melhorasse do produto não era pra comer mais não que voltava. Aquela doença que chia, puxamento de gato” (Dona P., 70 anos).

Este depoimento resulta interessante para a pesquisa etnozoológica por duas razões: a primeira, porque os indivíduos mais jovens aprendem com os membros das gerações anteriores sobre os diferentes modos de utilizar os recursos naturais locais, transmitindo então esse conhecimento às gerações mais novas. A segunda tem a ver com as crenças envolvendo as práticas alimentares. Nesse caso, o indivíduo que é “curado” de asma com remédio preparado à base de caranguejo não deve mais consumir esse crustáceo; se assim o fizer, a doença voltará.

A utilização de remédios à base de crustáceos revela-se como um fenômeno historicamente antigo e geograficamente disseminado. Piso (1957), médico que acompanhou Maurício de Nassau, registrou que o aratu, *Goniopsis cruentata* (Latreille, 1803), era usado contra o veneno do peixe guamaiaçu-atinga (*sic*) no Brasil do século XVII. Na Amazônia, Gheerbrant (1993) referiu-se à utilização do sarará-dorminhoco, *Uca maracoani* (Latreille, 1802), para “ensinar a criança a dormir”. No estado do Pará, o caranguejo sarará-pretinho (*Uca* (*Celuca*) *lepdodactyla* Rathbun, 1898) é macerado e misturado com sebo, servindo este medicamento como unguento para curar feridas (Andrade apud Vergara Filho e Villas Boas, 1996).

Embora desacreditada pela ciência médica oficial, a medicina empírica praticada por sociedades indígenas e tradicionais tem sido investigada para o desenvolvimento de novas drogas. No que se refere particularmente aos caranguejos, pesquisas farmacológicas demonstram que diferentes espécies apresentam substâncias de importância antiinflamatória, antibiótica e anticancerígena (Croft, 1986). Investigações farmacológicas necessitam ser realizadas a fim de descobrir se substâncias de valor farmacológico estão presentes nas espécies dulcícolas.

O conhecimento zoológico tradicional dos moradores de Pedra Branca em relação ao caranguejo-de-água-doce *Trichodactylus fluviatilis* é relativamente coerente com o conhecimento acadêmico. O fato de este crustáceo ser identificado e classificado como “peixe” ou como “inseto” torna necessário o desenvolvimento de estudos mais direcionados ao entendimento da etnotaxonomia zoológica da região.

O conjunto complexo de conhecimentos e comportamentos que os moradores do povoado de Pedra Branca demonstram por esses caranguejos traduz-se em um recurso cultural valioso que deve ser considerado tanto nos processos de desenvolvimento da região, como na possível transformação da área em algum tipo de Unidade de Conservação, quanto em estudos de inventário da fauna local. Por outro lado, o seguimento de estudos etnozoológicos que enfatizem a importância cultural dos crustáceos dulcícolas representa uma importante contribuição à questão da conservação da biodiversidade nos ambientes em que são encontrados.

Agradecimentos

Ao Dr. Célio Ubirajara Magalhães Filho, do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), pela identificação de *Trichodactylus fluviatilis* e pelos comentários em uma versão anterior deste manuscrito. Ao parecerista anônimo pelas sugestões.

Referências

Akimichi, T. 1978. The ecological aspect of Lau (Solomon Islands) ethnoichthyology. *Journal of the Polynesian Society*, 87 (4): 301-326.

- Andrade, J. N.; Costa Neto, E. M. 2005. Primeiro registro da utilização medicinal de recursos pesqueiros na cidade de São Félix, estado da Bahia, Brasil. **Acta Scientiarum Biological Sciences**, **27** (2): 177-183.
- Bahuchet, S. 1992. Esquisse de l'ethnoichthyologie des Yasa du cameroun. **Anthropos**, **87**: 511-520.
- Borges, C. L. S.; Quijano, F. R. B. 2000. A aracnofauna da Bahia: levantamento em duas regiões do centro-oeste baiano (Lençóis e Serra da Jibóia). **Resumos da Avaliação de Iniciação Científica PIBIC**, Feira de Santana, Brasil, p.19.
- Bravo, F. 2002. Novas espécies de Trichomyia (Diptera, Psychodidae) da Mata Atlântica da Bahia, nordeste do Brasil. **Iheringia**, **92** (3): 57-67.
- Bravo, F.; Castro, I.; Araújo, F. T. 2001. Uma nova espécie de *Plecia* (Diptera, Bibionidae) do nordeste brasileiro. **Acta Biológica Leopoldensia**, **23** (2): 157-165.
- Centro de Estatística e Informação. 1994. **Informações básicas dos municípios baianos: recôncavo sul**. Governo do Estado da Bahia, Salvador, Brasil, 1098pp.
- Coimbra Júnior, C. E. A. 1985. Estudos de ecologia humana entre os Suruí do Parque Indígena Aripuanã, Rondônia. Aspectos alimentares. **Boletim do Museu Paraense Emílio Göeldi**, **2** (1): 57-87.
- Costa Júnior, J. B. de O. 1942. Caranguejos necrófagos. **Arquivos da Sociedade de Medicina Legal e Criminologia**, **13** (1-3): 113-124.
- Costa Neto, E. M. 2001. **A cultura pesqueira do litoral norte da Bahia: etnoictiologia, desenvolvimento e sustentabilidade**. EDUFBA, Salvador; EDUFAL, Maceió, Brasil, 131pp.
- Costa Neto, E. M. 2003. **Etnoentomologia no povoado de Pedra Branca, município de Santa Terezinha, Bahia, um estudo de caso das interações seres humanos/insetos**. Tese de Doutorado, Universidade Federal de São Carlos, Brasil, 251pp.
- Croft, J. E. 1986. **Relief from arthritis: the natural way. A safe and effective treatment from the ocean**. Thorsons Publishing Group, Great Britain, 246pp.
- Freire, O.; Rebello Neto, J. 1921. Das lesões produzidas por animais em cadáveres submersos. **Anais Paulista de Medicina e Cirurgia**, **12** (7-8): 122-141.
- Gheerbrant, A. 1993. **Amazzonia, un gigante ferito**. Universale Electra/Gallimard, Itália, 345pp.
- Gherardi, F.; Micheli, F. 1989. Relative growth and population structure of the freshwater crab *Potamon potamios palestinesis*, in the Dead Sea area (Israel). **Israel Journal of Zoology**, **36**: 133-145.
- Hartnoll, R. G. 1988. Evolution, systematics and geographical distribution. In: Burgreen, W. W. & Macmahon, B. R. (eds). **Biology of the land crabs**. Cambridge University Press, Cambridge, USA, p.6-54.
- Hill, M. P.; O'Keeffe, J. H. 1992. Some aspects of the ecology of the freshwater crab (*Potamonautes perlatus* Milne Edwards) in the upper reaches of the Buffalo River, eastern Cape Province, South Africa. **South African Journal of Aquatic Sciences**, **18**: 42-50.
- Juncá, F. A. ; Freitas, M. A.; Alves, L.; Guerreiro, W.; Paschoal, E. 1999. Herpetofauna da Serra da Jibóia – Bahia: novas ocorrências. **Resumos do XII Encontro de Zoologia do Nordeste**, Feira de Santana, Brasil, p.412.
- Liu, C.-H.; Li, C.-W. 2000. Reproduction in the fresh-water crab *Candidiopotamon rathbunae* (Brachyura: Potamidae) in Taiwan. **Journal of Crustacean Biology**, **20**: 89-99.
- Magalhães, C. 1999. Crustáceos decápodos. In: Ismael, D.; Valenti, W. C.; Matsumura-Tundisi, T. & Rocha, O. (eds). **Invertebrados de água doce**. v. 4. Joly, C. A. & Bicudo, C. E. M. (Org.) Biodiversidade do Estado de São Paulo, Brasil: síntese do conhecimento ao final do século XX. FAPESP, São Paulo, Brasil, p.127-133.
- Magalhães, C. 2003. Brachyura: Pseudothelphusidae e Trichodactylidae. In: Melo, G. A. S. (ed.). **Manual de identificação dos crustáceos decápodos de água doce brasileiros**. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, p.143-297.
- Marques, J. G. W. 1991. **Aspectos ecológicos na etnoictiologia dos pescadores do Complexo Estuarino-lagunar Mundaú-Manguaba**. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 293pp.
- Marucco, N. C. C.; Leme, M. H. A.; Cobo, V. J. 2002. Ciclo reprodutivo do caranguejo de água doce *Trichodactylus fluvialis* (Latreille, 1885) (Decapoda, Trichodactylidae) na região de Ubatuba, SP, Brasil. **Resumos do II Congresso Brasileiro sobre Crustáceos**, São Pedro, Brasil, p.166.
- Mello, G. A. S. 1967. Diferenciação geográfica e dimorfismo sexual de *Trichodactylus (Trichodactylus) fluvialis* Latreille, 1825 (Crustacea, Brachyura). **Papéis Avulsos de Zoologia**, **20**: 13-44.
- Oliveira, D. F.; Costa, R. C. 2003. Hábito alimentar do caranguejo *Trichodactylus fluvialis* Latreille, 1828 (Crustacea, Decapoda, Trichodactylidae) da região de Botucatu, SP. **Resumos do IV Congresso de Ecologia do Brasil**, Fortaleza, Brasil, p. 402-403.
- Paraíso, M. H. B. 1985. **Os Kiriri Sapuyá de Pedra Branca**. Centro de Estudos Baianos da UFBA, Salvador, Brasil, 96pp.
- Paz, V.; Begossi, A. 1996. Ethnoichthyology of Gamboa fishermen of Sepetiba Bay, Brazil. **Journal of Ethnobiology**, **16** (2): 157-168.
- Piso, G. 1957. **História natural e médica das Índias Ocidentais**. Ministério da Educação e Cultura/Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, Brasil, 345pp.
- Port-Carvalho, M.; Ferrari, S. F.; Magalhães, C. 2004. Predation of crabs by tufted capuchins (*Cebus apella*) in Eastern Amazonia. **Folia Primatologica**, **75**: 154-156.
- Queiroz, C. 1996. Local knowledge systems contribute to sustainable development. **Indigenous Knowledge and Development Monitor**, **4** (1): 1-4.
- Queiroz, L. P. de; Nunes, S. T. S.; Costa, M. J. S. L. 1996. Flora Vascular da Serra da Jibóia, Santa Terezinha - Bahia. I: O Campo rupestre. **Sitientibus**, **15**: 27-40.
- Redford, K. H.; Stearman, A. M. 1989. Local peoples and the Beni Biosphere Reserve, Bolivia. **Vida Sylvestre Neotropical**, **2** (1): 49-56.
- Rocha, S. S. da; Bueno, S. L. de S. 2004. Freshwater decapod crustaceans from Ribeira de Iguape river basin and adjacent coastal areas, São Paulo, Brazil. **Revista Brasileira de Zoologia**, **21** (4): 1001-1010.
- Souto, F. J. B. 2004. **A ciência que veio da lama. Uma abordagem etnoecológica abrangente das relações ser humano/manguezal na comunidade pesqueira de Acupe, Santo Amaro, Bahia**. Tese de Doutorado, Universidade Federal de São Carlos, Brasil, 391pp.
- Sturtevant, W. C. 1964. Studies in ethnoscience. **American Anthropologist**, **66** (3): 99-131.
- Venâncio, F. A. 2005. **Biologia populacional do caranguejo de água doce *Trichodactylus petropolitanus* no córrego da Mina, Caçapava-SP: monitoramento ambiental a partir de estudos de populações animais**. Dissertação de Mestrado, Universidade de Taubaté, Brasil, 33pp.
- Vergara Filho, W. L.; M. da S. Villas Boas. 1996. Introdução ao saber dos povos da lama. **Resumos do IV Encontro Nacional de Educação Ambiental em Áreas de Manguezal**. Nova Almeida, Brasil, p.22-29.